

Não Come Nem Deixa Comer, de Lope de Vega

Domingos Lobo

O teatro e a poesia de Lope de Vega pertencem a um dos períodos mais fecundos da cultura espanhola, o *Século de Ouro*, com Cervantes, Vega e Calderon de la Barca como expoentes de um processo criativo que se estende do Renascimento ao Barroco, ou seja, entre os séculos XVI e XVII.

Lope de Vega foi o grande autor de comédias deste período, criando um estilo e renovando a forma da sua construção, rompendo com o classicismo aristotélico e a unidade de acção, tempo e espaço, que definiam a estética teatral aristotélica. O ensaio que publicou em 1609, *Arte Nova de Fazer Comédias Neste Tempo*, registava já as novas fórmulas que o dramaturgo iria impor ao seu teatro.

Não Come Nem Deixa Comer, que a Companhia de Teatro de Almada tem em cena no Teatro Joaquim Benite, baseada na peça *O Cão do Hortelão*, escrita por Lope de Vega entre 1613 e 1615, contém já os processos de construção do texto teatral que o autor definira no seu ensaio de 1609, e que iria influenciar os autores peninsulares, e até Molière não se terá alheado desta «revolução estética», dado que também ele rompe com a herança do classicismo grego.

Não Come Nem Deixa Comer, frase cujo sentido também existe em português, e numa variante de formulação mais grosseira, é uma comédia de enganos e recusas, de ambição e queda, em que os preconceitos de classe e o poder se sobrepõem ao desejo e à realização amorosa. Dir-se-ia que o texto de Lope de Vega, pelo que nele existe de recusa e manha nas relações amorosas, estabelece uma arguta observação, aguda e irónica, das fraquezas humanas, através de um enredo triangular, duas mulheres e um homem, polvilhado pelo pícaro e por uma série de situações verdadeiramente cómicas a partir de uma série de jogos de equívocos, sedução e ciúme.

Uma abastada condessa napolitana está apaixonada pelo secretário cujo, por sua vez, se perde de amores



RUI MATEUS

Lope de Vega foi o grande autor de comédias do Século de Ouro espanhol

Nem Come Nem Deixa Comer, de Lope de Vega
- Teatro Municipal
Joaquim Benite,
até 5 de Dezembro

por uma das criadas da dama. Mas essa paixão de Teodoro tem os dias contados, dado que o sedutor/seduzido não se deixa arrastar por ela, vendo nos favores da condessa a sua possibilidade de ascensão social e esta, por seu turno, tudo fará para que essa paixão se dilua no vento. Neste jogo de seduções, libertinagem e caprichos, próprios da época (veja-se, por exemplo, a nossa poesia erótica e satírica dos séculos XVII/XVIII), os trunfos são só aparentes e as cartas são sempre enganadoras, como o destino quando não se torce a tempo.

Mas a condessa arde em ciúmes e desejo, não avança nem consente perder para outra o seu amado:

Nem Come Nem Deixa Comer, tal como *O Cão do Hortelão*, e Teodoro desabafará por fim, vencido: *Certo que vossenhoria, / perdoe-me se me atrevo. / tem no juízo às vezes, / que não no entendimento. / mil lúcidos intervalos. / Pois coma, ou deixe comer, / porque eu não me sustento / de esperanças tão cansadas. / que, senão, desde aqui, volto / a querer onde me querem.*

O génio de Lope de Vega reside não apenas no que escreveu mas na substância intemporal da matéria sobre a qual desenvolveu a sua arte de comediógrafo exemplar: os jogos perigosos entre amos e servos (o amor é um jogo perigoso), entre quem tem poder e o usa como soberba ou ultraje e quem, apesar das ambições, não perde o sentido da dignidade. Ou seja, os engenhosos, apesar dos seus desmandos e caprichos, nem sempre saem vencedores. Eis um dos sentidos, bem humorados, dos enganos da vida.

Uma Companhia, com o património histórico e a reconhecida qualidade da CTA atinge, com a produção deste texto de Lope de Vega, um dos seus mais altos patamares criativos. A começar na eficaz e admirável encenação de Ignacio Garcia, no bellissimo espaço cénico criado pelo talento de José Manuel Castanheira, na capacidade interpretativa de um grupo de excelentes actores, Margarida Vila-Nova, David Pereira Bastos, Teresa Gaifeira, Vera Santana, Ana Cris, Diogo Bach e Leonor Alecrim, e todos os que ergueram, nessa «Cidade do Teatro» que é Almada este, a vários títulos, brilhante espectáculo.